



NAÇÕES UNIDAS

Israel e Hamas na "lista da vergonha"

Documento coloca o Estado judeu e o grupo extremista ao lado de responsáveis por violações contra crianças. Netanyahu repudia decisão "delirante". Palestino que perdeu mãe, três filhas e três netos fala ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

O grito ecoa pelo hospital, na Faixa de Gaza. "Meu filho! Eu não quero nada, quero levá-lo para casa! Não, não, minha alma!", chora a mãe palestina, suja de poeira. Ahmed não voltará para casa. Morreu em um bombardeio israelense. Em outro vídeo, um homem diante dos escombros da escola mantida pela URWA — a agência das Nações Unidas que presta assistência aos refugiados no Oriente Médio — mostra o dedo arrancado de uma criança, em Nuseirat (centro). O ataque, ocorrido na quinta-feira, deixou 35 mortos. Em outra gravação, uma mulher nina um bebê envolto em uma mortalha ensanguentada. Pelo menos 13 mil crianças palestinas foram mortas desde 7 de outubro, segundo o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo grupo extremista Hamas — 35% do total de vítimas. Ontem, a ONU colocou Israel na lista de Estados e grupos armados que cometeram violações contra crianças. Além do Estado judeu, entraram no documento o próprio Hamas e a Jihad Islâmica, outra facção terrorista. O fato de os dois grupos terem sido equiparados a Israel na lista revoltou o governo de Benjamim Netanyahu.

"As Nações Unidas se colocaram, hoje, na lista negra da história quando adotaram as absurdas queixas do Hamas. As IDF

(Forças de Defesa de Israel) são o Exército mais moral no mundo. Nenhuma decisão de 'Terra plana' do secretário-geral da ONU (António Guterres) pode mudar isso", escreveu Netanyahu na rede social X. Em outra declaração, o premiê israelense disse que a ONU "escolheu se unir aos que apoiam os assassinos do Hamas" e classificou a decisão como "delirante". No ano passado, figuravam na lista da ONU facções, como o Talibã e o Estado Islâmico. Segundo o jornal *The Jerusalem Post*, o documento será debatido pelo Conselho de Segurança em 18 dias. "Estou totalmente chocado e enojado por essa decisão vergonhosa e imoral", advertiu o embaixador de Israel na ONU, Gilad Erdan.

A vida do ortodontista Jamal Naim, 54 anos, mudou por completo às 22h40 de 6 de janeiro. Em segundos, ele perdeu a mãe, Ramsia, 87 anos; três netos — Lara, de 9 meses; Leya, 3 anos; Tayseer, 3 anos e meio — e três filhas (Batul, 16; Samah, 29; e Shaima, 28) durante bombardeio israelense à casa do cunhado, em Deir Al-Balah (centro). Daquela noite, além da ferida aberta no coração, ficaram os dedos esmagados e as cicatrizes na cabeça e no ombro. "Desde 1948, Israel matou muitas famílias, durante todas as guerras. Nas intifadas, usava menores como escudos humanos. É um modo de punir o povo palestino", disse Naim ao

Eyad Baba/AFP



Garoto ferido é fotografado em janela de sala de aula destruída em escola mantida pela UNRWA, em Nuseirat

Correio, por telefone.

Ele considera "uma coisa boa" a inclusão de Israel na "lista da vergonha". "Não é o bastante. A comunidade internacional precisa fazer algo mais forte para impedir Israel de matar palestinos. Temos 37 mil mortos, a maioria deles eram inocentes, como minha mãe, minhas três filhas e meus três netos", comentou o cirurgião-dentista. O corpo de Tayseer ainda está sob os escombros da casa. "Eles encontraram apenas as pernas dele. Não sabemos

quando o encontraremos. Não podemos cavar os destroços porque é muito perigoso. Além disso, os bombardeios prosseguem", acrescentou. Samah e Shaima também eram dentistas.

Jamal viveu na Alemanha por 17 anos e retornou à Faixa de Gaza em 2006, onde fundou a primeira faculdade de odontologia do território palestino. Hoje, acompanha duas filhas e uma neta, que ficaram feridas e recebem tratamento médico em Doha, capital do Catar. Ele foi

submetido a uma cirurgia no ombro, na segunda-feira passada. A filha Jannat, 13, precisará de uma prótese para o quadril. "Aqui, em Doha, há 1.400 palestinos feridos, a maioria crianças. Muitas foram amputadas."

Perguntado sobre o futuro de Gaza, ele admite: "É uma questão muito difícil". "O que sei é que, assim que for possível, estarei lá para ajudar a reconstruir Gaza. É nossa terra e não permitiremos à ocupação permanecer, de forma segura, em nossas ruas e casas."

Arquivo pessoal



O dentista Jamal Naim segura o corpo da neta Lara, de 9 meses

Ataque à escola

Por telefone, Jonathan Fowler, porta-voz da UNRWA em Jerusalém Oriental, afirmou ao Correio que 35 pessoas morreram durante os bombardeios de quinta-feira ao campo de refugiados de Nuseirat, no centro da Faixa de Gaza. "Não temos informações sobre quem morreu e a idade das vítimas. Mas, quero sublinhar algo: havia 6 mil palestinos abrigados na escola da UNRWA. Temos visto repetidas violações do direito humanitário internacional durante a guerra. As instalações da ONU estão sinalizadas com bandeiras e deveriam estar protegidas de ataques ou de serem usadas para propósitos militares", disse. "Desde o início da guerra, 108 prédios das Nações Unidas foram bombardeados."

ESTADOS UNIDOS

Biden volta a defender a democracia

Em novo discurso por ocasião do 80º aniversário do desembarque de tropas aliadas na Normandia, o chamado "Dia D", o presidente americano, Joe Biden, tornou a destacar a importância da democracia e enviou um recado velado ao rival republicano na próxima eleição, Donald Trump, o qual insiste que os EUA estão em declínio. "Eu me nego a acreditar

que a grandeza dos Estados Unidos pertence ao passado", disse. Biden fez o pronunciamento na Pointe du Hoc, um promontório no qual as tropas americanas Rangers capturaram os alemães em 6 de junho de 1944, pouco depois do desembarque na Normandia, no noroeste da França.

"Quem pode duvidar que os Estados Unidos se lançariam

contra a agressão do (presidente russo Vladimir) Putin na Europa? (...) Quem pode acreditar que estes Rangers iriam querer que os Estados Unidos se afastassem hoje?", perguntou Biden. Com o discurso, ele segue a linha do ex-presidente Ronald Reagan, que em 6 de junho de 1984 lembrou, no mesmo local, os "heróis" que "ajudaram a libertar um continente" e

a "acabar" com a Segunda Guerra Mundial. Naquela ocasião, o republicano defendeu a afirmação do poder americano contra a União Soviética.

"A democracia americana exige o mais difícil: acreditar que fazemos parte de algo maior do que nós mesmos. Portanto, a democracia começa com cada um de nós", alertou o presidente

de 81 anos. Por sua vez, o líder ucraniano, Volodymyr Zelensky, advertiu que a Europa não é mais um continente de paz e chamou Putin de "inimigo comum" da Ucrânia e da Europa. "Vivemos em uma época em que a Europa já não é um continente de paz", declarou Zelensky, ao alertar que 80 anos depois do Dia D, a invasão do seu país pela Rússia trouxe de volta "o nazismo (...) à Europa". Durante um discurso no Parlamento francês, ele expressou o

desejo de que a reunião de cúpula internacional sobre a paz, de 15 e 16 de junho na Suíça, possa aproximar a Ucrânia "do fim da guerra". "Sou agradecido por tudo que estão fazendo, que é muito. Mas para uma paz justa é necessário fazer mais", insistiu. "É na Ucrânia que reside a chave da segurança da Europa", disse ele. "Sem controlar a Ucrânia, a Rússia terá que ser um Estado nacional normal, e não um império colonial, que procura constantemente novos territórios na Europa, na Ásia e na África."

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Verde desbotado no Velho Mundo

Terminam amanhã as eleições para o Parlamento Europeu, mas antes mesmo que se conheça a nova composição, alguns indicadores ficaram à mostra na campanha e nas pesquisas. Um deles, observado consistentemente nas disputas legislativas de vários dos 27 países-membros da União Europeia, nos últimos anos, é a ascensão da ultradireita. Associada com ela, em certa medida, desponta uma tendência de recuo no apoio aos ecologistas — cujo crescimento foi um dos traços marcantes do pleito europeu de cinco anos atrás.

Mesmo na Alemanha, berço da onda ecopacifista desde os anos 1980, os Verdes enfrentam dificuldades, em parte pelo lugar destacado que ocupam no governo chefiado pelo social-democrata Olaf Scholz. Depois de ameaçar o partido do chanceler na condição de segunda força política, agora assiste à marcha da Alternativa para a Alemanha (AfD), legenda anti-imigração e

anti-islã, para eleger a segunda maior bancada alemã na próxima legislatura europeia.

O quadro se mostrava semelhante em outros pesos-pesados da UE, como a França, onde a ultradireitista Marine Le Pen aposta as fichas na chance de seu partido, Reunião Nacional, superar o do presidente Emmanuel Macron, de centro. O verde perde o viço até em antigas fortalezas, como a Suécia, que sediou em 1972 a primeira conferência da ONU sobre o meio ambiente.

Dança das cadeiras

As bancadas no Parlamento se organizam em blocos que refletem, aproximadamente, o espectro político dos países-membros. A expectativa para este ano é que o maior deles continue sendo o Partido Popular Europeu, que agrupa a centro direita e a direita dita

"clássica". Os socialistas e social-democratas devem conservar a segunda posição, mas devem ao menos enxergar pelo retrovisor o avanço da ultradireita.

Formalmente, o grupo Identidade e Democracia não contará com a AfD, desligada por conta de declarações filonazistas de um de seus líderes. No dia a dia, porém, é provável que, embora separados, os alemães acompanhem a agenda dos ex-companheiros.

A situação é especialmente difícil para o bloco Verde, que abriga também correntes ditas libertárias, e para os dois agrupamentos da esquerda. Um deles, a Esquerda Europeia Unida/Esquerda Verde Nórdica, corre o risco de ver encolher sua bancada, que já é a menor.

Negacionismo climático

A ultradireita europeia encontrou no tema das mudanças climáticas mais uma via para sua agenda anti-UE — que, por ironia, foi o carro-chefe da campanha para eleger eurodeputados.

Em uma linha, seus líderes se agarram ao negacionismo ambiental, que exime as atividades humanas de influência no aquecimento global. Como complemento, surfam na insatisfação de setores crescentes da população com a inflação e o marasmo econômico e dispararam a artilharia contra normas ambientais definidas em Bruxelas, sede da UE.

Recentemente, uma onda de protestos de agricultores varreu o continente. Entre os alvos, além do acordo comercial (agora semimorto) com o Mercosul, as medidas de controle da produção rural segundo critérios de sustentabilidade. Igualmente, a taxação dos combustíveis fósseis e dos veículos que os utilizam, alicerce da transição para a economia pós-carbono, mostra-se a cada dia mais impopular — e turbina a ultradireita eurocética.

Cansados de guerra

Se é verdade que, a despeito de tempo ou lugar, o eleitor costuma

votar pensando no bolso, outro tema que fala aos ânimos dos europeus são os custos da guerra na Ucrânia. Com raras exceções, os governos da UE apoiam em bloco o presidente Volodymyr Zelensky em seu esforço para repelir as tropas russas dos territórios que conquistaram desde fevereiro de 2022.

Passados quase dois anos e meio, a economia do continente sente o peso combinado dos vultosos pacotes de ajuda militar, com a consequente ampliação dos orçamentos de Defesa, e das seguidas baterias de sanções impostas ao Kremlin. Entre outros impactos, a suspensão das importações de gás da Rússia encarece a conta de energia (e calefação) nos lares europeus.

O premiê da Hungria, Viktor Orbán, uma das estrelas da extrema direita, tem sido o principal entrave para a liberação de verbas do bloco para a Ucrânia. Seus aliados pelo continente fazem coro.